

Anita Malfatti



Reprodução

A japonesa, da coleção de Chateaubriand

Com uma história ainda mal difundida entre os cariocas, a precursora da pintura modernista volta a ser assunto na cidade

CELINA CÔRTEZ

Quando a paulista Anita Malfatti (1886-1964), uma das precursoras da pintura modernista no Brasil, vivia com uma bolsa de estudos em Paris, em 1926, comprou certo dia uma lata de sardinhas para o almoço com seu dinheirinho contado. Precavida, separou uma sardinha para o jantar. Quando o amigo Di Cavalcanti — tão *duro* quanto ela — chegou para uma visita surpresa, a primeira coisa que fez foi comer a derradeira sardinha. Quem conta a história é a paulista radicada no Rio, Dora Vilalva Florence, 75 anos, ex-aluna de pintura de Anita. Dora ficou feliz em saber que o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) recebe em março a primeira grande retrospectiva carioca de Anita, trazida pela pesquisadora Marta Rossetti Batista — a maior especialista brasileira sobre sua obra. A última individual da pintora na cidade aconteceu em 1937, portanto há quase 60 anos.

Anita escandalizou a sociedade de 1917 com sua exposição em São Paulo, impregnada do expressionismo alemão que assimilou durante dois anos de estudos em Berlim e de seu aprendizado em Nova Iorque. A jovem pintora, então com 21 anos, foi desancada por uma crítica de Monteiro Lobato (*leia trecho à direita*), então respeitado crítico de arte, que a fez perder o rumo. Dai em diante, Anita passou por várias fases — nenhuma com a bombástica repercussão inicial —, que estarão representadas na reprotectiva. “Anita Malfatti foi a primeira a abandonar os acadêmicos, a ter contato e aceitar as vanguardas, influenciada por estilos como o fauvismo e o cubismo para montar sua linguagem expressionista. Em 1917, todos os futuros modernistas ainda eram ligados à arte tradicional”, ensina Marta, que fez mestrado para a USP sobre a obra da pintora em 1978 e é autora dos livros *Anita Malfatti no tempo e no espaço* (1985) e *Mário de Andrade, cartas a Anita Malfatti* (1989).

Embora seja um nome de importância nacional, Anita Malfatti é muito mais conhecida em São Paulo do que no Rio de Janeiro. Histórias como seu amor platônico por Mário de Andrade — a quem deixou algumas das suas



Reprodução

Mostra traz fases vitais

Marta Rossetti vai montar a retrospectiva do CCBB com os quadros que considera mais representativos de cada fase de Anita Malfatti, inclusive os da coleção de Gilberto Chateaubriand, cujas paisagens *O jardim* e *A floresta* são os mais antigos da pintora, de 1912. De 13 de março a 13 de maio, a mostra terá o famoso *O homem amarelo* em suas versões em pastel e óleo, esta última uma das obras que provocou a ira de Monteiro Lobato: “Embora eles se dêem como novos, precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica (...). De há muito a estudam os psiquiatras (...) nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas do manicômio. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera...”, atacou Lobato.

tempo e no espaço (1985) e Mário de Andrade, cartas a Anita Malfatti (1989).

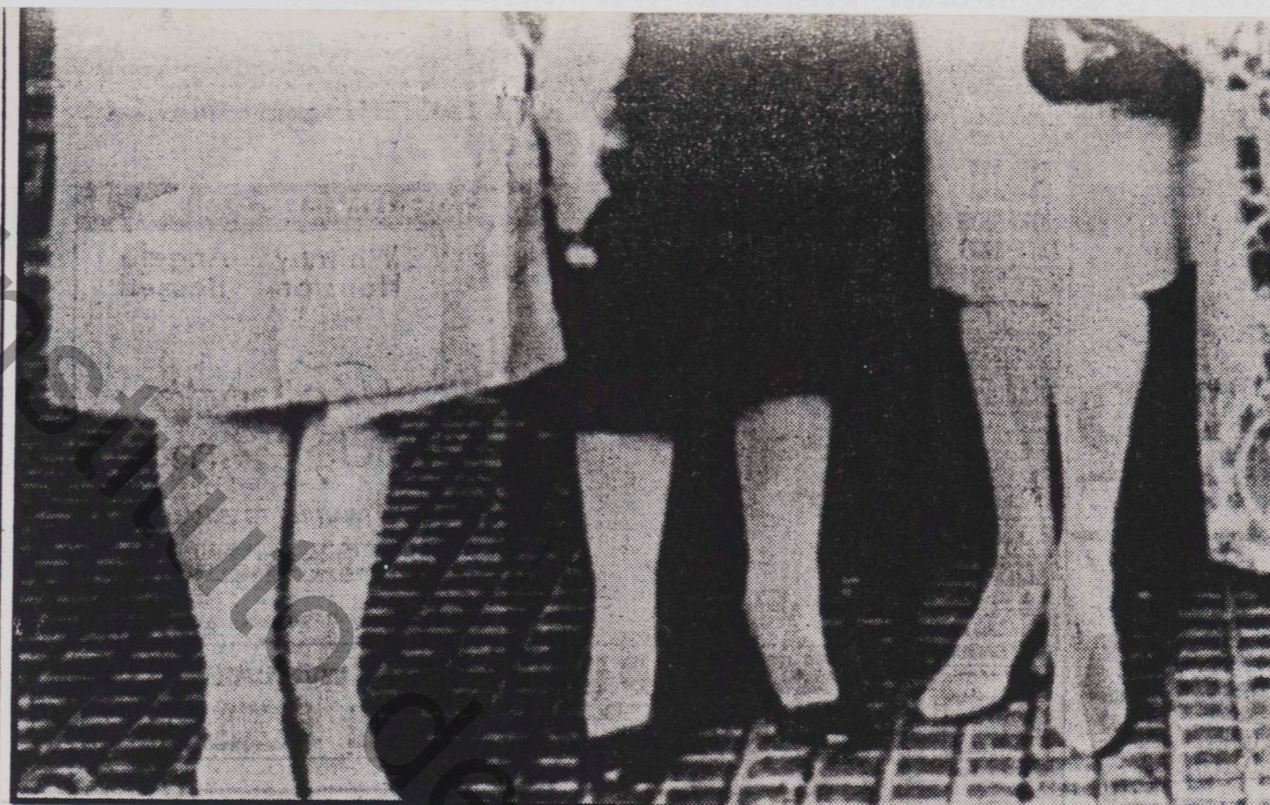
Embora seja um nome de importância nacional, Anita Malfatti é muito mais conhecida em São Paulo do que no Rio de Janeiro. Histórias como seu amor platônico por Mário de Andrade — a quem deixou algumas de suas melhores obras — são famosas entre os paulistas, mas pouco difundidas entre cariocas. O responsável pelo crescimento da popularidade de Anita no Rio é o colecionador Gilberto Chateaubriand, que doou algumas de suas melhores obras — como *Farol Monheagan* — ao Museu de Arte Moderna (MAM) carioca. “Estava em São Paulo, na década de 70, e me dirigia ao escritório de um advogado quando caiu um temporal. Comprei um jornal para me proteger da chuva, mas acabei debaixo de uma marquise e li, no mesmo jornal, sobre a grande retrospectiva de Anita. Preferi ir para o museu e acabei comprando um lote de 14 ou 15 quadros com uma sobrinha de Anita muito simpática, chamada Elizabeth”, recorda o colecionador.

Elizabeth, hoje com 66 anos, também se lembra do encontro. “Gilberto ainda ganhou de presente de minha tia Georgina, irmã de Anita, dois nus pintados em 1925”, revela. As recordações que Elizabeth tem de sua tia pintora são as melhores possíveis: “Ela era de um bom humor incrível, sempre alegre e muito trabalhadeira. Anita nunca se casou, talvez por seu defeito congênito no braço direito, menor que o esquerdo e com a mão atrofiada. Não era canhota mas foi obrigada a pintar com a mão esquerda, e com a direita segurava a palheta”, descreve. A sobrinha confirma a paixão de Anita: “Ela sempre foi apaixonada por Mário, que era homossexual e também nunca se casou. Os quadros que deixou para ele, junto com os de outros pintores, foram doados ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP”, revela.

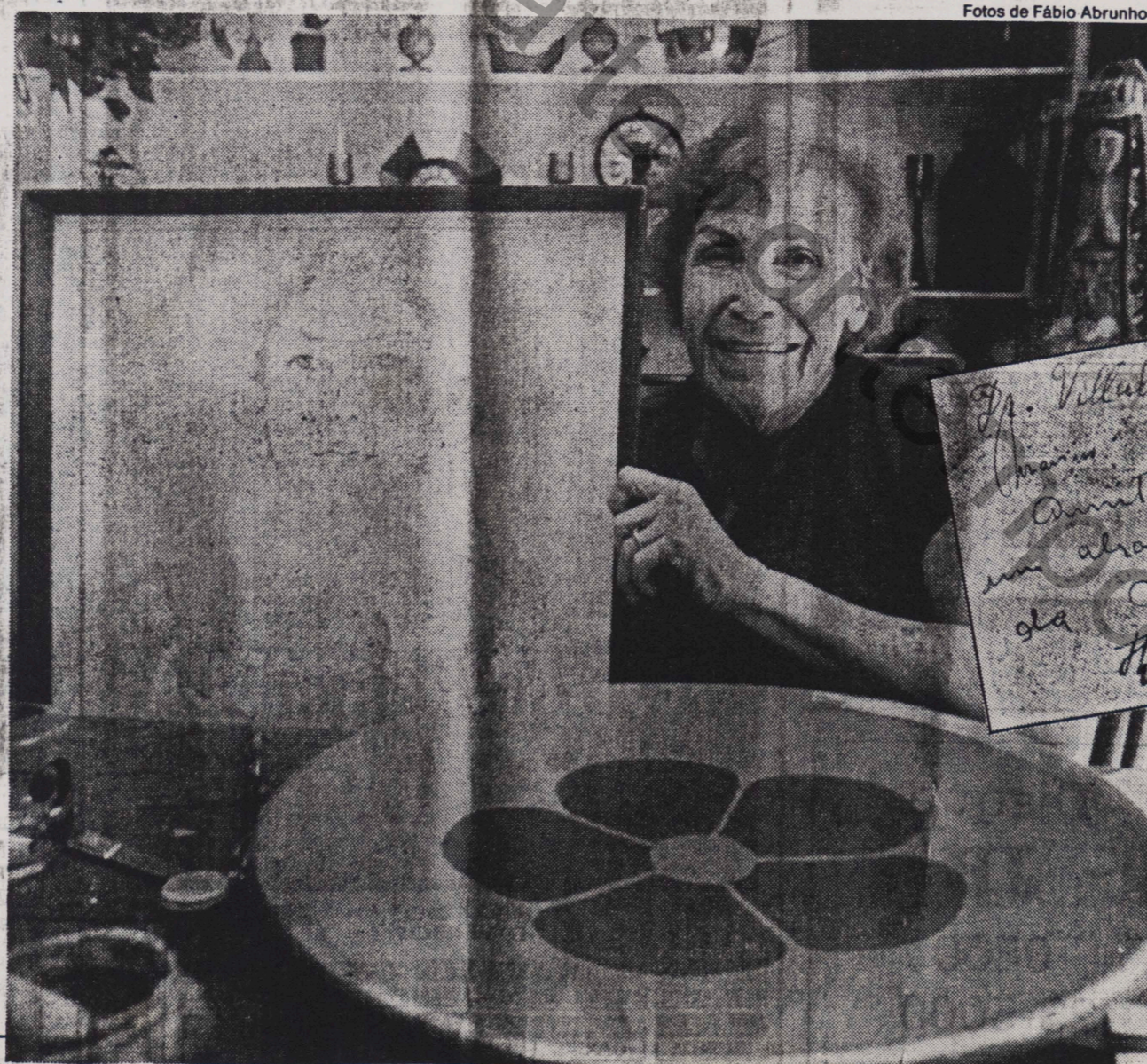
Provavelmente a partir do fim do ano ou do início do ano que vem, os paulistas terão acesso à coleção de Anita que pertence ao IEB. A pesquisadora Ana Paula Lima, formada em Artes Plásticas, começou a catalogar este material com uma bolsa da Fapesp, e termina o trabalho no final de 1996 com outra bolsa do Instituto Vitae. “Em um ano este acervo será aberto ao público”, garante Ana Paula. Na coleção, entre outros quadros importantes da trajetória de Anita, está *O homem amarelo*, que fazia parte de sua famosa exposição de 1917.

Se hoje os contemporâneos de Anita — como Tarsila do Amaral, Victor Brecheret ou Menotti del Picchia, para citar alguns — já morreram, algumas alunas ainda testemunham sua vida pacata, sobretudo dedicada ao trabalho. “Tive aulas com ela dos 14 aos 21 anos. Era uma mulher cheia de idéias avançadas. Se eu dissesse que não conseguia desenhar uma determinada flor, ela respondia: ‘Se você pensar que alguém já fez, também conseguirá’. Tudo o que aprendi foi com ela. Antes tinha que conhecer o desenho acadêmico para depois me libertar”, conta Dora. Anita era meio mística, embora não falasse muito nisso. “Uma vez me contou ter sonhado, antes de viajar para a Europa, que estava andando numa estrada quando encontrou uma ponte e em seguida uma casa. Do outro lado um menino gritava: vá embora! Depois, já na Europa, Anita encontrou exatamente o mesmo cenário, o mesmo menino, e na casa havia um doente com peste”, relata.

As melhores recordações da ex-aluna paulista Sofia Tinassinari eram os jantares na casa de Anita entre os intelectuais da época, como Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Volpi e o cantor Marino Gouveia, entre outros. “Falavam de tudo, recitavam poesia, cantavam e cada um contava suas histórias. Muito divertido e educativo. E depois comíamos as maravilhosas sobremesas que a mãe de Tarsila fazia”, conta.



Anita (entre a escritora Pagu e a pintora Tarsila do Amaral): paixão por Mário de Andrade



Fotos de Fábio Abruñosa

paredes internas do manicomio. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera...”, atacou Lobato.

Outras obras significativas, como *Retrato de Mário de Andrade* e *Auto-retrato de Anita Malfatti* — a exemplo de *O homem amarelo*, pinçadas da coleção do IEB — testemunham a afinidade que a pintora tinha com o escritor. “Anitoca queri-querida” era uma das expressões usadas por Andrade para se dirigir à amiga. Além de exemplares da maioria dos museus paulistas, a retrospectiva terá telas como *Interior de Mônaco*, (coleção Horácio de Mendonça Neto) e *La ren-trée* (coleção Pedro Tarssinari Filho), ambas de 1925.

Dora, que começou a tomar aulas com a pintora quando tinha apenas 14 anos: “Ela era uma mulher com idéias avançadas”, diz a ex-aluna, que ainda guarda telas e bilhetes como recordação